

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE016657

MENDES, José de Castro. Antigas Casas
Comerciais. Correio Popular, Campinas, 31
out., 1968.

RAFAEL DUARTE, saudoso historiad-
dor conterraneo deixou as seguintes
notas sobre os comerciantes que ha
mais de um século abriram suas ca-
sas de negocios nesta cidade: «Gran-
de foi o número de campineiros que tiveram
lugar saliente entre os negociantes dos bons
tempos, mas, impõe-se-me a imparcialidade
de declarar, que, com justiça cabe ao por-
tuguês a primazia neste ramo de atividade.

Para não falar em muitas, o que ocupa-
ria um tempo longo, vou consignar o nome
de algumas casas dentre as mais importan-
tes que em Campinas houve.

Assim foi que em 1840, se estabelece-
ram em sociedade Manoel Roso e Manoel
Cordeiro, cuja firma se dissolveu em 1852,
ficando com o estabelecimento sob a firma de
Roso & Santos, o coronel Joaquim Quirino
dos Santos Junior, e Manoel de Araujo Roso,
abrindo nova casa com o mesmo ramo de
comercio o ex-socio Manoel Cardoso.

Entre os anos de 1850 e 1860, abriu a
sua loja de fazendas e armarinho, o seu Po-
lydoro, Antonio Francisco do Amaral Gur-
gel. Em 1853, entre outros, estabeleceram-se
José Rodrigues Ferraz do Amaral, e Antonio
Joaquim Gomes Tojal; em 1854 o capitão
Antonio Quirino dos Santos, sendo todos es-
tes estabelecimentos de secos e molhados,
em grosso e a retalho, bem como de ferra-
gens.

Em 1856, foram criadas muitas lojas de
fazendas, finas e grossas, e tambem de ar-
marinhos, tais como as do Policarpo Alves
Cruz, ao depois do caixeiro Agostinho de Ma-
galhães, de Campos Junior, Irmão & Cia., de
Joaquim Antonio Rodrigues, Antonio Fer-
reira Cezario, Manoel J. Lopes dos Santos e
muitas outras. Em 1857 as de Joaquim Ga-
briel de Castro, Joaquim Antonio Batista e
Costa, José Delmont, Francisco de Assis Me-
lo, Antonio de Abreu Sampaio; as de Fidelis

Machado, Joaquim Theodoro Alves os san-
tistas Raggio & Irmão. As de Francisco Gon-
calves Ferreira Novo e João Nobrega (João
do Piques) já existiam em data anterior a
1857.

As de Antonio Francisco de Amaral
Gurgel e João Fortunato Ramos dos Santos
foram das mais antigas. Tivemos tambem a
Loja Monstro, dos srs. Pompeu Pacheco &
Comp., assim chamada por terem os socios
formado capital de 12 contos de réis que,
para aquele tempo, se considerava um gran-
de capital! Acresce que o sortimento ainda
foi muito maior ao correspondente em fui-
dos, onde o aperto dos socios que traspassa-
ram a loja ao capitão Joaquim Correia Dias
(o Alferinhos), o qual se manteve por mui-
tos anos.

As maiores casas havidas por esse tem-
po, eram as de Raggio & Irmão — Roso
& Santos — Francisco G. F. Novo — Almei-
dinha — Joaquim Teodoro Alves — Antonio
de Abreu Sampaio, a de ferragens de José
Artegas e a do Maneco Pelote.

Em 1865, a Loja do Sól — o sol nasce
para todos (prédio ainda existente à rua dr.
Quirino) de Manoel Pereira Vilares — as de
João Alves — Joaquim P. de Oliveira Nunes
— o armazem do Pingurra (Antonio Montei-
ro de Carvalho e Silva) Duarte Rezende —
Pedro Kyel — Luiz Pupo de Moraes, e assim
outras em Santa Cruz, como as do Zimbres
— a Loja do Boi — a loja de Aranha Irmão
& Cia. — o armazem do Ladeira e a loja de
Domingos Roso, que são de muito mais re-
mota criações».



Casa Livro Azul, uma das mais antigas no comércio local, fundada por A.B. de Castro Mendes e que por mais de setenta anos abriu suas portas negociando com livros, papéis finos, cartões, brinquedos, objetos de fantasia e de arte, tipografia e encadernação, destacando-se ainda como importadora de pianos das mais reputadas marcas alemãs, tendo vendido para mais de mil peças para esta cidade e outras